

Accção Social

SEMANARIO CATHOLICO

(COM APPROVAÇÃO ECCLESIASTICA)

Redactor principal,

Padre Alexandrino José Leituga

Propriedade da

Empreza da "Accção Social"

Editor,

João Agostinho Landolt

Redac. e Administração—Rua de S. Francisco, 50

ASSIGNATURAS:

Anno 1\$200 — pelo correio . . . 1\$370
Semestre 600 — 670
Brazil e Africa, anno 2\$000
Numero avulso 40 reis

ANNUNCIOS:

Secção d'annuncios, por linha — corpo 12 60
Repetição, por linha 50
Communicados, por linha 60
Annuncios permanentes, contracto especial
Desconto aos srs. assignantes de 25 %

Comp. e impr. na Typographia Landolt—Barcellos.

O NOSSO POSTO É SEMPRE O MESMO

Ao terminarmos o editorial do ultimo numero d'este bem modesto semanario catholico, escrevemos as seguintes palavras:

«Se toda a familia portugueza comprehendesse a necessidade do estabelecimento da ordem, garantia do bem estar individual e social e quizesse tambem ver os beneficios que a Igreja, como Mãe carinhosa, eutorna sobre as sociedades, com a pratica da Lei sacratissima de Deus e dos preceitos sua es do Evangelho, ensinavam-se bem estas luctas fratricidas e sangrentas, que sinceramente deploramos. Pelo reinado de Deus nos corações de seus filhos, no lar da familia e nas leis. pugnavamos sem tréguas e com recta intenção. Que Christo viva, que Christo reine, que Christo impere.»

No nosso numero de 23 de janeiro, no qual se conta de movimento restauracionista dissemos tambem que a nossa era superior á questão de regimen, porque só pugnavamos pelo estabelecimento da fé, com o respeito por todas as liberdades bem entendidas e pelo triumpho da justiça e do direito.

Estamos, pois, no nosso posto, que é sempre o mesmo.

As acções lidas legitimamente constituidas encontrarão sempre em nós a homenagem do respeito que os sub-

ditos leaes sabem prestar.

Não é este o momento para muitas palavras. Diremos, por isso, apenas e mui singelamente, o nosso desejo.

Desejamos que todos contribuam para que viva em ordem, em paz e em socego a familia portugueza.

O problema da ordem sobreleva a todos e as autoridades tem o direito de exigir que ella seja mantida, sem vexames, para que seja normalisado o trabalho, fonte de riqueza e das prosperidades da Patria.

Desejamos tambem a moralisação dos povos, para cujo conseguimento a Religião é factor importantissimo e essencial.

Na pratica dos seus preceitos, é que existe indubitavelmente a felicidade da Patria.

Da guerra á Igreja só resultaram males, que agora é mister evitar, para que, dentro d'uma moderação racional, todos os portuguezes pössam viver e assim se entre a valer numa era de prosperidade e bem-estar.

Assim Deus abençõe as rectas intenções dos que tem a seu cargo a espinhosa missão de nos governar.

Estamos, como sempre estivemos, dentro do programma dos Centros Catholico, sem intenções reservadas, trabalhando lealmente á luz clara do dia.

A parella do nosso concurso será, pois, pela ordem e pela moralisação.

Ha aqui respeito pela crença alheia, qualidade que bem distingue os barcellezes.

Assim como os republicanos barcellezes se poderiam felicitar, a si e aos monarchicos, pelo procedimento que estes usaram, durante os 25 dias que duraram os acontecimentos do lorto, estamos certos de que egualmente os monarchicos barcellezes se pódem felicitar a si e aos republicanos, pela norma de proceder que estes tem adoptado, desde a victoria republicana no Porto.

E' com intimo prazer que frisamos estes factos, porque estamos convencidos de que nenhum regimen—monarchico ou republicano—póde conseguir que o respeito desde que lance não de perseguições e de vexame e muito menos logrará, com taes meios, alcançar adeptos para a respectiva causa.

As lições do pasado bem o mostram e a todos elle devem servir de exemplo.

Honra pois aos barcellezes que todos até hoje, sem distincção, se tem portado cavalheirosamente.

E agora, que a Republica triumphou dos acontecimentos produzidos, trabalhemos todos pela Patria e pela nossa terra, deixando que a Republica se empenhe no progresso

do nosso sempre querido Portugal. E' este o nosso melhor voto.

Administrador do Concelho

Na ultima sexta-feira, em reunião republicana, foi aclamado administrador interino do nosso concelho, o nosso amigo e respeitavel republicano de sempre, sr. Arthur Roriz Pereira, escolha esta que foi bem accete por todos.

Conhecemos, desde ha muito tempo, as intransigencias politicas do novo administrador d'este concelho, que ao mesmo tempo é muito estimado no nosso meio, aonde conta muitas sympathias.

Cumprimentamos o novo administrador de concelho, seguros de que fará uma politica acertada, de paz e de concordia, como é proprio de homens de bem.

Commando militar

O «comité» revolucionario do Porto escolheu para commandante do 3.º Batalhão de Infantaria 8, aquartellado n'esta villa, um dos mais valentes combatentes dos campos da França, contra os exercitos da vencida Alemanha — o sr. capitão Francisco Villa-Chã Rodrigues Leite, nosso estimado patricio e brioso militar.

E' tambem um republicano de sempre, dos que nunca transigiram, pelo que é merecedor de todos os respetos e da sympathia que o cerca.

Tambem cumprimentamos sua ex.ª, com o respeito que lhe tributamos.

A vertigem da velocidade

...até na politica

Não ha que ver. . . Estamos n'uma época das vertigens de velocidade.

Não é só a locomotiva que galga, veloz, os continentes; o enorme *steamer*, que rasga, cortante, as mares; o *electrico* que rola, celere, pelos povoados; o auto que pula, crepitante, nas vias publicas; as multiphas inergias motrizes, agitando transformadoras, os sonoros mecanismos da industria; o avião, altaneiro e audaz, devorando, n'um prompto, as distancias; o telegrapho s. f. irradiando, n'um ai, o pensamento por mares, terra e ceu. . . não é só no mundo physico que se vê esta agitação febril, esta vitalidade renovadora do progresso, esta agilidade estonteante, insoffrida, avassaladora. — Estamos tambem a vê-la, a mesma vertigem renovadora, no proprio mundo social e politico.

Que transformações surprehendedentes, por ex., não veem surgindo, por esse mundo além, em consequencia da grande guerra?

Mas o nosso Portugal que em tempos idos já enlaçou o globo na sua grandeza, deu leis ao mundo e abriu clareiras á civilisação; Portugal. . . com estar hoje velho e de pauperado, ainda quiz dar de si n'esta quadra de vertigens, ainda vem attrahindo as atenções mundiaes, n'este raro periodo de effervescencia social.

E então com que rapidez e *elan* se não tem operado as nossas ultimas transformações politicas!

Em 1910, após um duplo regicidio, surge-nos, como que por encan-

to, a Republica, sobre os escombros da velha monarchia, aluída pelos seus erros, verminada d'odio e ambições dos politicos, desamparada dos seus velhos servidores.

Depois, esse periodo agitado em que um excessivo prurido de radicalismos exóticos retrahia das novas instituições os elementos moderados e alentava sempre as velleidades monarchicas, não obstante o malogro das intentonas conceiristas.

Em 1917, levanta-se d'entre a fumarada d'uma revolução a figura épica de Sidonio Paes que lucta como um Hercules para dignificar a Republica e salvar a patria.

Volvido um anno, matam o indomavel luctador, ficando o paiz submerso no lucto e n'uma torturante incerteza dos seus destinos.

Hontem surprehendo-nos a bandeira azul e branca, hasteada quasi sem um tiro no Porto e saudada com phrenesi n'aquella cidade e pelo norte do paiz.

Hoje, n'um abrir e fechar d'olhos, damos de repente com a bandeira verde-rubra, fluctuando triumphante na cidade invicta e pelo norte, recebendo nos mesmos logares, eguaes ou excedentes homenagens. . . Quasi a velocidade do desenrolar d'uma fita de cinema, não acham?

Le monde marche, não haja duvida, . . . e nós n'esta malfadada questão de politica, não ficamos atraz.

E agora?

Será encerrada de vez esta série funesta e esterilizante de turbulencias politicas?

Cremos bem que poucos haverá agora que não tenham esta desgra-

ACONTECIMENTOS

POLITICOS

Os acontecimentos militares que se desenvolveram na capital do norte, no dia 19 de janeiro, tiveram o seu termo no dia 13 do corrente, por um movimento republicano em que tomaram parte a Guarda Republicana, a Guarda Fiscal e outras unidades militares e muitos elementos civis, dando em resultado a reimplantação da Republica no norte do paiz.

Em Barcellos, a noticia do triumpho da Republica foi conhecida na tarde do mesmo dia 13, havendo, desde logo, as costumadas manifestações de regosijo, tremulando, em diversos pontos da villa, a bandeira verde-rubra.

Quer n'uma situação quer n'outra, nunca a nossa pena deixou de aconselhar ordem e disciplina, o acatamento dos poderes constituidos e respeito para todos os veni-dos.

E, de facto, Barcellos tem-se sempre distinguido assim — honra lhe seja! — pois nunca aqui se manifestaram sentimentos de odio, nem perseguições politicas.

cada aventura restauracionista como a ultima cabeçada monarchica.

Não tem pois os senhores da situação de se preocupar muito com a chamada *defeza republicana*, a cuja sombra já se recorreu a expedientes e processos destoantes da verdadeira liberdade e d'uma pura democracia que deve dar acesso a todos e não aos peões. Se o regime está consolidado, como geralmente se creê, arrume se com a *politica* que nos vem arruinando e entre-se a valer na ordem, no trabalho, na justiça, na liberdade, nomeadamente para os catholicos.

Em concordancia com isto, é-me grato registar que ainda ha pouco, n'uma conversa eventual a que assisti, notei com agrado o sr. capitão Villa-Chã, verberando a *pátrio* nacional que se mette a discutir e desdenhar de tudo, sem competencia, e a fazer e desfazer governos, sem que nem para que. Em contraposição, este nosso illustre conterraneo apontava tres meios de enorme valor para o fomento da riqueza nacional, todos elles cômesinhos e de facil realisação.

Dois d'elles, eram: a utilização da desaproveitada inercia das nossas importantes e numerosas quedas d'agua, e a arborisação dos montados e terrenos incultos. Muito bem.

Pois que s. ex.ª, que é espirito culto e figura de destaque da situação no nosso meio, influa eficazmente para que se siga agora esse rumo, eis os nossos votos.

V. A.

Conferencia da Paz

Transcrevemos esta agradável noticia do nosso presado collega «Folha da Manhã», pela qual sabemos que Portugal tem uma representação honrosa na Conferencia da Paz, reunida na capital franceza:

Já é conhecida a nota official das nações que tem representantes na Conferencia da Paz, reunida em Pariz, bem como os nomes dos diversos delegados que tomam parte n'essa Conferencia.

Eis a nota das nações: França, Inglaterra, Italia, Portugal, Belgica, Grecia, Servia, Romenia e Polonia. Estados Unidos d'America do Norte. Japão, Brazil, China, Hedjaz, Sião, Tcheco-Slovachia, Bolivia, Cuba, Equador, Guatemala, Haiti, Honduras, Siberia, Nicaragua, Panamá, Perú e Uruguay.

Portugal tem dois representantes na Conferencia da Paz: os srs. drs. Alvaro Villela e Egas Moniz.

O numero de representantes de Portugal é igual aos da Belgica, Italia, Servia e Brazil.

Echos & Noticias

Desastre na Estação

No ultimo domingo, deu-se na estação do caminho de ferro um horrivel acontecimento, quando chegava o comboio-correio do Porto. Ainda este estava em andamento e descia um cabo de infantaria 3; mas com tanta infelicidade, que a portinhola da carruagem o segurava pelo furo, arrastando-o de tal maneira, que foi precipitado na linha, passando-lhe por sobre o corpo uma carruagem do comboio, morrendo instantaneamente.

As muitas pessoas que se encontravam na *gare* não poderam valer-lhe, tal foi a rapidez do lamentavel acontecimento.

A noticia, quando chegou a ser conhecida aqui, contristou toda a gente.

ENCYCLICA

Mandando fazer preces universaes

O que o mundo ansiosamente esperava ha tanto tempo, o que todos os povos christãos pediam nas suas orações fervorosas, o que Nós, interpretando as dores communs, procuravamos acidentemente com a paternal solicitude que por todos temos, vemos-lo agora realizar-se as armas firmemente depositas. A paz ainda não poz termo, de forma solemne, a esta guerra crudelissima; no entanto a convenção que por toda a parte interrompeu, na terra, no mar e nos ares, a carnificina e as devastações abriu felizmente a porta e largas vias á paz. Porque se produziu tão sublime mudança? Ninguém poderia indicar-lhe com certeza as causas variadas e multiplas. Mas, se se procurar a razão ultima e suprema, o espirito tem que elevar-se até A'quelle de quem tudo depende, e que, misericordioso para com as supplicas dos bons, concede ao genero humano a libertação de angustias e luctos tão prolongadas.

Por isso, devem dar-se a Deus grandes acções de graças, e muito nos alegramos por ver que em todo o mundo catholico, se fizeram numerosas e brilhantes manifestações de piedade publica. Só resta alcançar da bondade divina que d'algunha sorte ponha a corôa a este beneficio, e que complete e dom que fez ao mundo. Com effeito, devem reunir-se em breve os que, por mandado imperativo dos povos, tem de instituir no mundo uma paz justa e duradora: Nunca foi confiada a uma assembleia humana deliberação mais importante nem mais difficil. Precisam, pois, e no mais alto grau, da luz divina, para poderem levar a bom termo a tarefa que lhes foi confiada.

A salvação commum é, n'este ponto, sobremaneira interessada, e todós os catholicos que, em virtude das suas crenças, preziam no mais alto grau o bem e a tranquillidade, tem o rigoroso dever de alcançar pelas suas orações a assistencia da sabedoria divina, para esses homens eminentes.

Queremos pois, que todos os catholicos sejam admoestados sobre este dever. E é por isso, para que as proximas reuniões produzam esse grande dom de Deus que é a paz verdadeira que vós, veneraveis Irmãos, invocando o Pai das Luzes não deixareis de ordenar, pela forma que julgardes mais conveniente, preces publicas em todas as parochias das vossas dioceses.

Quanto a Nós, já que, sem merito algum Nosso, occupamos o lugar de Jesus Christo, Rei pacifico, empregaremos toda a influencia do nosso ministerio apostolico para que as decisões, que forem tomadas para perpetuar no mundo a tranquillidade da ordem e a concordia, sejam por toda a parte aceites pelos catholicos e fielmente executadas.

Como penhor dos favores do Ceu e testemunho da nossa benevolencia a todos vos concedemos muito affectuosamente, ao vosso clero e povo a Benção Apostolica.

Dada em Roma, na dia primeiro de Dezembro de 1918, quinto anno do Nosso Pontificado.

Bento XV, Papa

N'este importantissimo documento mostra mais uma vez, o Santo Padre o grande interesse que ha sempre tido pelo bem estar dos povos. Lembrando-nos a necessidade de agradecermos a Deus o dom da paz, preceitua-nos a oração para que ella venha a ser justa e duradoura. Em obediencia, pois, a este preceito, Ordenamos que todos os domingos, até que seja estabelecida definitivamente a paz, se reze o terço, a ladainha de Nossa Senhora com o hymno «*Creatur Spiritus*», havendo exposição do SS., sendo possível, para que os membros da Conferencia da Paz sejam assistidos do Divino Espirito.

Braga, 1 de Janeiro de 1919.

† *Manoel, Arcebispo Primaz*

Los pobres

Em comemoração do terceiro da Republica, um fervoroso movimento em todo o Porto de assumir a chefia do districto de Braga cumpre-me declarar, que ao aceitar por alguns dias este cargo, em momento de tanta melindre e gravidade, o fiz resolvido a defender firmemente a Republica e a garantir firmemente tambem, o respeito pela vida, direitos e prosperidade de todos.

Actos d'estes não se dignificam a pessoa que teve tamarca de responsabilidade, como enaltecem os seus sentimentos de republicano, merecendo os mais altos louvores.

Aos cidadãos do

Districto de Braga

Encarregado pela Junta Revolucionaria que restauou a Republica na cidade do Porto de assumir a chefia do districto de Braga cumpre-me declarar, que ao aceitar por alguns dias este cargo, em momento de tanta melindre e gravidade, o fiz resolvido a defender firmemente a Republica e a garantir firmemente tambem, o respeito pela vida, direitos e prosperidade de todos.

Isto farei, com a mais implacavel firmeza, assegurando no entanto o maximo respeito pelas opiniões de cada um.

Não haverá perseguições nem violencias, mas tão somente simples e recta justiça. A restauração da Republica nas provincias do norte fez-se para impôr a Ordem e a Liberdade, perturbada e agravada pelos seus implacaveis, constantes e tragoeiros inimigos. Fiquem pois tranquilos os cidadãos honestos e pacificos, que a Republica restabelecendo a Ordem, não excluirá a justa punição daqueles que a atraçoaram.

O regimen das violencias acabou. Ordem haverá portanto, custe o que custar.

Viva a Patria!

Viva a Republica!

Braga, 16 de Fevereiro de 1919.

O Governador Civil,
Major Norberto Guimarães.

Notas Politicas

Termino da guerra civil—Mais uma vez a decidiu o Porto—As nossas impressões—Ohar para o futuro—O melhor conselho—Aspectos da acção politica — Dupla obra—Em Portugal — A acção da lei—O regimen politico em ordem social — Fórmula de Bluntschili — Não basta o parlamentarismo — O que é o parlamentarismo — Novas fórmulas — Uma solemne declaração sahida da Conferencia da Paz — Lição a Portugal — Paz externa e intern — O problema politico e o problema economico.

Achou a guerra civil em Portugal!... Como em 1828 e em 1848, foi, mais uma vez, o Porto que lhe poz termo!

As annunciamos o estalar da guerra civil, como no apontarmos agora o fim d'ella, o nosso pensamento fixa-se inteiramente e commovidamente, apenas sob a doce imagem da Patria, que ambicionamos ver sempre prospera e feliz. Nesta intensa contemplação ficamos, porém, n'alma o sentimento de dôr, pelas mortes, pelo lucto, pelas ruinas, pelas angustias, pelo exilio, conque a guerra civil do xou assignalou a sua passagem e ainda por tantas privações do não-de produzir-se, a despeito do modo como os maiores e mais bellos predilectos d' nossa raça uzam retemperar a justiça para com os vencidos.

O momento não é para olhar ao passado: É proprio reconhecer de frente o futuro; encarrar a consciencia do dever, com a mais pura e nobre patriotismo, com a sciencia perfeita das coisas, com o intimo liberto de paixões.

Tudo nos aconselha que construamos, em vez de destruir; que agraçemos esforços decididos e tenazes, em vez de estabelecer divisões nefastas e de luctos abyssos profundos.

A mais eminente acção politica a realizar em qualquer situação bem-não todos quantos a esta ordem de coisas dedicam a sua attenção — apresenta-se sob dois grandes aspectos: 1.º sob o aspecto de impedir que a evo-

lução da vida nacional, essencialmente progressiva e pacifica, se transforme em revolução precipitada e sanguinolenta; 2.º sob o aspecto de conservar na sociedade e no estado de amanhã o que no estado presente ainda da sociedade e do Estado actuaes.

É, portanto, uma dupla obra, obra de «preservação» e obra de «conservação».

Em Portugal, as suas instituições politicas não devem perder nunca de vista este duplo e superior objectivo em que se resume uma solida garantia do futuro d'este país.

Para o realizar, convencionem-se que a obra politica por nós apontada é iminentemente uma obra da lei, que não deve ser immovel, que deve fazer evolução, exactamente como a vida, que deve conter todo o presente e o mais possível do passado; mas sobretudo, o mais possível do futuro. Sómente, para que não haja abalos, nem sobresaltos muito bruscos na evolução da vida nacional, é indispensavel, antes de tudo, que não haja abalos nem sobresaltos na confecção da lei.

Como o supremo ideal politico consiste em estabelecer a mais perfeita harmonia entre o regimen politico e a ordem social, segue-se que, se os elementos da democracia se tornarem mais importantes e mais vivos na ordem social, paralelamente devem tomar maior importancia e desenvolver mais vida no regimen politico.

Eis a maneira de evitar revoluções e de resolver o problema politico por uma forma inteiramente racional e positiva.

Quanto ao modo de realizar essa aspiração suprema, a formula de Bluntschili, é por certo a mais exacta. «O Estado moderno será construido a começar por baixo.»

Para o construir por baixo, é indispensavel, porém, aconodiar o regimen politico á ordem social, em todas as suas manifestações.

Não basta que o parlamentarismo se aperfeiçoe, porque o parlamentarismo não pôde hoje resolver inteiramente a questão. O parlamentarismo, tal como o conhecemos e o praticamos, já não é a forma politica correspondente á nova ordem social. O parlamentarismo exige uma burguezia forte, activa, organizada e massas mortas; sapphia não é esse de governo muito instruido, muito arcaico, muito desinteressada. Não é facil encontrar hoje tudo isso; portanto, o parlamentarismo não realisa, de per si a função que outr'ora se lhe podia attribuir.

Pensemos, pois, em novas fórmulas de estabelecer o equilibrio social.

Algumas d'ellas hão-de sahir, sem duvida, da Conferencia da Paz, reunida n'este momento, e cujos intuitos se alargam até ao proposito de estabelecer em novas bases a vida politica e social das nações.

Ainda a Conferencia não pronunciou o seu «veridictum» final, e já vão sendo conhecidas alguns pontos de vista, pelos quaes se põe em evidencia os seus intentos.

Effectivamente, depois de uma recente reunião do conselho superior de guerra, o presidente dos Estados Unidos, os primeiros ministros e os ministros dos negocios estrangeiros da Grã-Bretanha, da França e da Italia, assim como os representantes do governo japonês, approvaram uma declaração que foi transmitida radiotelegraphicamente para todo o mundo e cuja parte essencial é a seguinte:

«Os governos pensam que tem por dever fazer um aviso solemne e declarar que qualquer estado de posse adquirida pela força fará o maior mal á causa dos que recorram a taes meios. Os que empregarem a força farão presumir que duvidam da justicia e da validade das suas reivindicações, que se podem substituir a posse á prova do seu direito e fundar a sua soberania, mais sobre a violencia, do que sobre as afinidades de nacionalidade ou de raça e sobre os laços naturaes creados pela Historia. Assim lançam uma sombra sobre todos os titulos que poderiam fazer valer e denunciam a sua desconfiança em relação á propria Conferencia. Só podem advir d'ahi resultados muito contrarios. Se querem Justicia, é indispensavel que renunciem ao uso da Força...»

Este documento é bem caracteristico da phase nova que vai abrir-se no Direito.

Interessa muito a Portugal conhecer essa phase, para, em harmonia com ella, guiar os seus passos, com inteira segurança, na missão que lhe está reservada e cuja grandeza é indispensavel que entre, de vez, no melhor espirito de convicção, na certeza de todos os portuguezas.

Feita a paz em terra de França e em terras de Africa, como pôde admitte-se que haja guerra e guerra civil, de fronteiras á fronteira, na linda e gloriosa Patria, que deve ser o orgulho de todos os portuguezas?

Lá está a declaração formal e solemne das maiores nações do mundo a respeito da guerra terrivel e esmagadora contra os povos que corram á força: «Quem emprega a força presume que duvida da justicia e da validade das suas reivindicações.»

Será este, sem duvida, o artigo 1.º do novo Código do Direito das Gentes.

A sombra d'elle, cada povo cuidará do aperfeiçoamento das suas instituições politicas, «do baixo para cima» segundo a formula de Bluntschili.

Assim se tornará forte para resolver o problema da rehabilitação economica, cuja prioridade só podem querer aquellos que acompanhem a execução do programma já esboçado nos principaes centros de vida e escutem o torço do clarão, a fazer reunir as phalanges de produtores de todas as classes, de todas as raças, de todos os povos do mundo.

(De «O Commercio do Porto»)